



Pluralidade de conhecimentos para além das monoculturas da mente: refletindo ensino da Agroecologia na Geografia

From hegemonic to plurality: reflecting the teaching of agroecology

SILVA, Thayane C.¹; PEREIRA, Monica Cox B.²

¹Licencianda em Geografia pela UFPE, NEPPAG Ayni, thayane.cristina@ufpe.br; ² Professora DCG/UFPE, NEPPAG Ayni, monicacoxbp@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: Foi a partir das reflexões que construímos através das experiências no aprendizado da Agroecologia no diálogo entre territórios e universidade que se insere a construção do conhecimento da Agroecologia. É através dessa proposta que a Agroecologia como disciplina é introduzida na grade curricular da Geografia, promovendo a construção do diálogo com uma perspectiva geográfica, de forma a contribuir para romper com o paradigma do sistema hegemônico. Sistema este que acredita que enquanto o sistema do des-envolvimento acontecer, estaremos em progresso. A Agroecologia tem como base a construção do diálogo social e da natureza com o objetivo de desconstruir o paradigma que argumenta que para progredir necessita destruir. As práticas agroecológicas, analisadas pelo olhar geográfico, possibilitam a compreensão da relação afetiva das pessoas com a natureza, comprovando a relação diferenciada entre ser humano e natureza e o respeito com o ciclo da vida no qual os agricultores e agricultoras trabalham.

Palavras-chave: educação; monitoria; agricultura familiar camponesa.

Contexto

Esse trabalho é fruto da monitoria na disciplina de Agroecologia para o bacharelado e licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco realizada nos anos de 2022 e 2023, período de transição do ensino remoto decorrente da pandemia da covid-19 para o ensino presencial. O relato em tela se atribui ao eixo proposto na medida que a experiência apresentada tem o intuito de construir um pensamento que difere da concepção alimentar imposta pelo pacote da revolução verde, e refletir sobre alimentação e os desafios da vida moderna. A contribuição resulta na medida em que muitos dos alunos não tinham embasamento da Agroecologia e através da construção das aulas teóricas e práticas conseguiram enxergar o que a Agroecologia se propõe enquanto ciência, prática e movimento. É a através da interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, da reflexão do cotidiano e de situações propostas por ideias de um sistema ocidental, como ausência de contato com a natureza ou desinteresse pelo alimento, sendo convencido cada vez mais pelas indústrias alimentícias, que a agroecologia nos permite enxergar a verdadeira qualidade de vida, ao estar em diálogo seres humanos e natureza, refletindo a continuidade da vida como centralidade.

Ao apresentar o contexto da Agroecologia e levar esses alunos para as práticas, percebemos a natureza não como algo intocável, mas como pertencendo e desde uma relação respeitosa. Ao lidar principalmente com as mulheres nas atividades de



campo, enxerga-se essa luta e resistência na produção de alimentos e cuidados, mesmo sem o conhecimento formal. Elas acabam ensinando a tod@s com seus conhecimentos, o que Paulo Freire afirma ao falar sobre uma educação como forma integradora e interativa destacado em Gadotti (1999) o que através do contato com as práticas nos territórios permite criar um outro olhar na maioria dos alunos de crítica ao sistema atual no qual convivemos. A valorização do alimento aumenta com a reflexão profunda, ao ter essa experiência de estar observando o passo a passo da construção daquele plantio, das ementas até a colheita, além de ver o quanto que a transição agroecológica modifica a vida das comunidades, bem como garante a soberania alimentar e financeira, e a construção do bem estar ou bem viver. Conforme Pereira (2016) sinaliza para a gravidade dos problemas que a Revolução Verde causa até os dias atuais, ressaltando que:

Desconstruir um modelo que rompeu com a produção de alimentos, com a saúde, com a vida sagrada, com pessoas de conhecimentos, com práticas culturais, com enorme sociobiodiversidade para produzir mercadorias e tornar as pessoas dependentes, uma peça de um modelo industrial, fragmentada, enfraquecida, desnutrida, triste, sem esperança (Pereira, 2016, p. 4).

Descrição da Experiência

Neste trabalho foram refletidas experiências como monitora da disciplina de Agroecologia da Universidade Federal de Pernambuco com a docente Dra. Profa. Monica Cox de Britto Pereira no período de 27/06/2022 à 29/10/2022 e 28/11/2022 à 30/04/2023. A primeira turma da monitoria foi o Bacharelado em Geografia, no ano de 2022, disciplina obrigatória da carga horária oferecida no 7º período do curso. Além da construção da metodologia com os textos propostos e debates em salas, a turma também teve oportunidade de atividades práticas.

Ao construir essa dinâmica de reflexões e atividades realizadas em sala de aula e externas, nota-se já nesse diálogo, desde antes da experiência dos trabalhos de campo e oficinas, o impacto que o tema proporcionava nos estudantes. A constatação da comida não saudável, do “veneno no prato”, além da tentativa de ofuscar os conhecimentos ancestrais dos agricultores, gerava constatações e até mudanças em seus cotidianos em relação ao convívio com a natureza e a valorização dos seus alimentos. Gadotti (1999) afirma que: “A educação, para ser libertadora, precisa construir entre educadores e educando uma verdadeira consciência histórica. E isso demanda tempo” (Gadotti, 1999, p. 1). Ao refletir sobre esse pensamento, nota-se que o que a Agroecologia como disciplina tenta buscar a todo momento é construir essa consciência histórica do sistema atuante que rompe com as ideias de valorização da terra, e produz um apagamento da diversidade alimentar. A autora Vandava Shiva (2003) reflete e problematiza o Desenvolvimento, destacando que se faz necessário estar presente no Envolvimento com a natureza.

Comprovando a riqueza encontrada e a diversidade que a agricultora consegue produzir em seu quintal foi a percepção proporcionada pela realização da aula de



campo em comunidades ribeirinhas em Brejo Grande localizado em Sergipe, na foz do Rio São Francisco. Nosso objetivo foi conhecer terras quilombolas, a luta pelo território e os conflitos presentes na região. Pesquisamos e estudamos na prática a luta no território, as dificuldades da intolerância religiosa que enfrentavam, bem como a luta contra o agrohidronegócio e a especulação imobiliária do turismo de massa. Através desse campo, notamos o quanto se tornou evidente o estudo teórico no diálogo teoria/prática acerca da resistência às monoculturas que vivenciam as comunidades de produção de bases agroecológicas. Além de lutar pelos seus territórios e a qualidade alimentar, precisam conviver com a insegurança dos males que o sistema agroquímico produz, tais como a carcinicultura e as pulverizações aéreas.

Possibilitou ir desconstruindo o pensamento que embasa a pseudo-eficácia do agronegócio, conseguiu ampliar a visão e somar mais pessoas para o caminho e movimento de transformação da sociedade. Verificamos que através dessa valorização de ensino-aprendizagem os quilombolas partilharam sabedorias que servem para a vida de tod@s, acentuando as reflexões acerca da humanidade.

Figura 1: Turma da disciplina de Agroecologia em Brejo Grande/SE junto à plantação de arroz agroecológico do Quilombo Resina.



Fonte: SILVA, 2022.

No período referente ao ano de 2023 realizamos a disciplina com a turma da licenciatura em Geografia, os estudantes estão sempre dispostos a estar em diálogo e enxergar como trazer a metodologia vista em sala, para alunos da educação básica/ensino fundamental/ensino médio, e conseguir trazer o conhecimento como base para desconstruir o sistema dominante. Valorizar a origem familiar no campo, e a alimentação de verdade diversificada produzida no campo, e que deveria ser garantida na mesa de tod@s.



Com a turma da Licenciatura realizamos o campo para Lagoa de Itaenga zona da mata de Pernambuco, área onde a monocultura da cana prevalece e a contaminação dentro desse sistema canavieiro se perpetua por gerações. Contudo, em meio a uma área com solos degradados, poluição de caminhões de transportes de cana, existe a ASSIM - Associação de Produtores e Moradores Agroecológicos do Imbé, Marreco e Sítios Vizinhos, símbolo de luta e resistência da produção de alimentos agroecológicos. A plantação serve como auto-consumo das famílias e a organização dos excedentes dos alimentos são destinados para venda nas feiras agroecológicas. Contam com uma diversidade surpreendente e até um sistema de Agrofloresta dentro de alguns sítios. Assim tem o seu nome como referência em seus alimentos, exemplo que constatamos com a ida a feira agroecológica que acontece na UFPE em frente ao CCSA e a ASSIM tem sua representação há mais de 14 anos, compartilha a feira com o CESAM – Centro de Saúde Alternativa de Muribeca, Jaboatão de Guararapes/PE. Na feira os estudantes puderam vivenciar e escutar ensinamentos da medicina natural popular em contraponto a medicina convencional a partir do CESAM, bem como ver o alimento sano sem veneno observado no território nas hortas familiares e agora vendido na feira na universidade.

Figura 2: Campo realizado para ASSIM com a turma de Agroecologia da Geografia UFPE/ 2023.



Fonte: SILVA, 2023.

Outra atividade realizada em ambas as turmas foi a construção da oficina de compostagem que ocorreu dentro da feira agroecológica da UFPE com a parceria do NEPPAG¹ onde os Estudantes, Agricultores Feirantes e participantes da feira

¹ O Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia - NEPPAG AYNI/UFPE/Geografia coordenado pela Professora Mônica Cox, tem como base o tripé ensino-pesquisa-extensão, que propõe interligar as atividades teórico-práticas e aproximar os



observaram a possibilidade e potencialidade pedagógica do sistema da compostagem em escala doméstica, com reaproveitamento das sobras orgânicas, bem como a educação em Agroecologia que se faz muito necessária. Refletiram sobre os alimentos que comeram naquela semana, os industrializados que não podem ser compostados, e o alimento da natureza que retorna para o ciclo a partir da compostagem. Que alimento estou comendo? A existência de práticas como a compostagem nos traz a reflexão de como respeitar e cuidar do ciclo da natureza é uma prática ancestral, e como se faz necessária respeitar os conhecimentos ancestrais para estarmos em contínua transformação e relação com a vida. “A gente cuida da planta e a planta cuida da gente” fala da guardiã das plantas medicinais do CESAM.

Figura 3: Oficina de Compostagem na Feira Agroecológica do CCSA/Ufpe.



Fonte: SILVA, 2022.

Resultados

Através das práticas das monitorias, possibilitou-se entender com os estudantes de graduação e dar visibilidade a práticas camponesas de cuidado com o alimento, onde a conexão com a natureza é parte das práticas agrárias. Na rotina do urbano, o sistema hegemônico crítica e nos coloca como apartados da natureza, como opostos, e práticas de convivência com a natureza são rotuladas de práticas atrasadas e de um sistema *arcaico*. Fazer essa construção das possibilidades e da fundamentação das práticas agroecológicas é o que afirma a possibilidade dessa transição que está cada vez mais forte no movimento agroecológico. Vemos que cresce e atrai pessoas para a rede cuja luta é diária para ter as vozes escutadas. Com o sistema dominante deslegitimando as práticas e sujeitos protagonistas em colocar a comida na mesa. Porém, é através das práticas, da presença das feiras e

estudantes da realidade social do campo e da cidade e dos movimentos sociais, na perspectiva da interdisciplinaridade e do diálogo de saberes.



das diversidades nos territórios que se torna notório a resistência e o rompimento com esse sistema dominante.

Observamos as mudanças nas práticas alimentares dos estudantes. Percebemos nos lanches que começavam a se desprender dos alimentos ultraprocessados. Notou-se a reflexão acerca da totalidade do conhecimento, no âmbito agrário as múltiplas dimensões, econômica, ecológica, social, política, humana. Sabemos que ao fortalecer a valorização dos povos, as agriculturas em sua diversidade, a natureza, conseguimos referências no respeito e na participação nesse processo, Conforme destaca Pereira (2013) que através da *sinergia*, é através dos conhecimentos na relação sociedade-natureza e nas múltiplas relações na natureza, que poderemos reproduzir a vida nossa e de todos os seres continuamente. Afirmar Pereira (2013) que: “O contato com a realidade e o diálogo de saberes possibilita vivenciar a integração entre ensino, pesquisa e extensão. Permite quebrar o paradigma convencional e ir construindo as bases para outra visão do mundo. O despertar da sensibilidade na interação com as pessoas e com a natureza permite alcançar um significado especial, toca na vida, no sagrado, na percepção da importância de se construir a sustentabilidade na interação com a natureza” (Pereira, 2016, p. 6)

Agradecimentos

Às comunidades quilombolas ribeirinhas em Brejo Grande. À Profa. Monica Cox de Britto Pereira pela oportunidade da monitoria e o caminhar apoiando a construção do pensamento agroecológico. Ao NEPPAG pela realização da oficina, aos agricultores e agricultoras da ASSIM, do Cesam e da feira agroecológica da UFPE.

Referências bibliográficas

GADOTTI, Moacir. (1997). **Lições de Freire**. Revista da Faculdade de Educação, 23, 1997, (1-2).

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. Agroecologia na formação universitária: da ecologia à Agroecologia e do ecossistema ao agroecossistema. **Cadernos de Agroecologia**, v. 11, n. 1 (2016) 1-14p.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente**. SP: Ed. Gaia, 2003.